

Ontem desci ao Pireu...

Um *post-it* filosófico sobre as linhas inaugurais da República de Platão

>> Excerto no original grego

327. (a.) Κατέβην χθές εἰς Πειραιᾶ μετὰ Γλαύκωνος τοῦ Ἀρίστωνος προσευξόμενός τε τῇ θεῷ καὶ ἅμα τὴν ἑορτὴν βουλόμενος θεάσασθαι τίνα τρόπον ποιήσουσιν ἅτε νῦν πρῶτον ἄγοντες.

καλὴ μὲν οὖν μοι καὶ ἡ τῶν ἐπιχωρίων πομπὴ ἔδοξεν εἶναι, οὐ μέντοι ἦττον ἐφαίνετο πρέπειν ἢν οἱ Θοῤᾶκες ἔπεμπον. (5)

(b.) προσευξάμενοι δὲ καὶ θεωρήσαντες ἀπῆμεν πρὸς τὸ ἄστυ. κατιδὼν οὖν πόρρωθεν ἡμᾶς οἴκαδε ὠρμημένους Πολέμαρχος ὁ Κεφάλου ἐκέλευσε δραμόντα τὸν παῖδα περιμεῖναι ἐκελεῦσαι. καὶ μου ὄπισθεν ὁ παῖς λαβόμενος τοῦ ἱματίου, Κελεύει ὑμᾶς, ἔφη, Πολέμαρχος περιμεῖναι. Καὶ ἐγὼ (5) μετεστράφην τε καὶ ἠρόμην ὅπου αὐτὸς εἴη. Οὗτος, ἔφη, ὄπισθεν προσέρχεται· ἀλλὰ περιμένετε. Ἀλλὰ περιμενοῦμεν, ἦ δ' ὅς ὁ Γλαύκων.

(c.) Καὶ ὀλίγῳ ὕστερον ὃ τε Πολέμαρχος ἦκε καὶ Ἀδείμαντος ὁ τοῦ Γλαύκωνος ἀδελφὸς καὶ Νικήρατος ὁ Νικίου καὶ ἄλλοι τινὲς ὡς ἀπὸ τῆς πομπῆς.

Ὁ οὖν Πολέμαρχος ἔφη· ὦ Σώκρατες, δοκεῖτέ μοι πρὸς ἄστυ ὠρμηῆσθαι ὡς ἀπιόντες. (5)

Οὐ γὰρ κακῶς δοξάζεις, ἦν δ' ἐγώ.

Ὅρᾶς οὖν ἡμᾶς, ἔφη, ὅσοι ἐσμέν;

Πῶς γὰρ οὐ;

Ἦ τοίνυν τούτων, ἔφη, κρείττους γένεσθε ἢ μένεν' αὐτοῦ.

Οὐκοῦν, ἦν δ' ἐγώ, ἔτι ἐν λείπεται, τὸ ἦν πείσωμεν ὑμᾶς (10) ὡς χρὴ ἡμᾶς ἀφεῖναι;

Ἦ καὶ δύναισθ' ἄν, ἦ δ' ὅς, πείσαι μὴ ἀκούοντας;

Οὐδαμῶς, ἔφη ὁ Γλαύκων.

Ὡς τοίνυν μὴ ἀκουσομένων, οὕτω διανοεῖσθε.

328. (a.) Καὶ ὁ Ἀδείμαντος, Ἄρα γε, ἦ δ' ὅς, οὐδ' ἴστε ὅτι λαμπὰς ἔσται πρὸς ἐσπέραν ἀφ' ἵππων τῇ θεῷ;

Ἀφ' ἵππων; ἦν δ' ἐγώ· καινόν γε τοῦτο. λαμπάδια ἔχοντες διαδώσουσιν ἀλλήλοις ἀμιλλώμενοι τοῖς ἵπποις; ἢ πῶς λέγεις; (5)

Οὕτως, ἔφη ὁ Πολέμαρχος. καὶ πρὸς γε παννυχίδα ποιήσουσιν, ἦν ἄξιον θεάσασθαι· ἐξαναστησόμεθα γὰρ μετὰ τὸ δεῖπνον καὶ τὴν παννυχίδα θεασόμεθα. καὶ συνεσόμεθά τε πολλοῖς τῶν νέων αὐτόθι καὶ διαλεξόμεθα. ἀλλὰ μένετε

(b.) καὶ μὴ ἄλλως ποιεῖτε.

Καὶ ὁ Γλαύκων, Ἦοικεν, ἔφη, μενετέον εἶναι.

Ἄλλ' εἰ δοκεῖ, ἦν δ' ἐγώ, οὕτω χρῆ ποιεῖν.

Ἦμεν οὖν οἴκαδε εἰς τοῦ Πολεμάρχου, καὶ Λυσίαν τε αὐτόθι κατελάβομεν καὶ Εὐθύδημον, τοὺς τοῦ Πολεμάρχου (5) ἀδελφούς, καὶ δὴ καὶ Θρασύμαχον τὸν Καλχηρόνιον καὶ Χαρμαντίδην τὸν Παιανιά καὶ Κλειτοφῶντα τὸν Ἀριστωνύμου· ἦν δ' ἔνδον καὶ ὁ πατήρ ὁ τοῦ Πολεμάρχου Κέφαλος, καὶ μάλα πρεσβύτης μοι ἔδοξεν εἶναι· διὰ χρόνου γὰρ καὶ (c.) ἑωράκη αὐτόν. καθῆστο δὲ ἑστεφανωμένος ἐπὶ τινος προσκεφαλαίου τε καὶ δίφρου· τεθυκῶς γὰρ ἐτύγχανεν ἐν τῇ αὐλῇ. ἐκαθεζόμεθα οὖν παρ' αὐτόν· ἔκειντο γὰρ δίφροι τινὲς αὐτόθι κύκλῳ.

Εὐθύς οὖν με ἰδὼν ὁ Κέφαλος ἠσπάζετό τε καὶ εἶπεν· (5) ὦ Σώκρατες, οὐ δὲ θαμίζεις ἡμῖν καταβαίνων εἰς τὸν Πειραιᾶ. χρῆν μέντοι. εἰ μὲν γὰρ ἐγώ ἔτι ἐν δυνάμει ἢ τοῦ ῥαδίως πορεύεσθαι πρὸς τὸ ἄστυ, οὐδὲν ἂν σέ ἔδει δεῦρο (d.) ἰέναι, ἀλλ' ἡμεῖς ἂν παρὰ σέ ἦμεν· νῦν δέ σε χρῆ πυκνότερον δεῦρο ἰέναι. ὡς εὖ ἴσθι ὅτι ἔμοιγε ὅσον αἰ ἄλλαι αἰ κατὰ τὸ σῶμα ἡδοναὶ ἀπομαραίνονται, τοσοῦτον αὖξονται αἰ περὶ τοὺς λόγους ἐπιθυμίαι τε καὶ ἡδοναί. μὴ οὖν ἄλλως ποιεῖ, ἀλλὰ τοῖσδέ τε τοῖς νεανίσκοις σύνισθι καὶ δεῦρο παρ' (5) ἡμᾶς φοῖτα ὡς παρὰ φίλους τε καὶ πάνυ οἰκείους.

Καὶ μήν, ἦν δ' ἐγώ, ὦ Κέφαλε, χαίρω γε διαλεγόμενος (e.) τοῖς σφόδρα πρεσβύταις· δοκεῖ γὰρ μοι χρῆναι παρ' αὐτῶν πυνθάνεσθαι, ὥσπερ τινὰ ὁδὸν προεληλυθότων ἦν καὶ ἡμᾶς ἴσως δεήσει πορεύεσθαι, ποία τίς ἐστίν, τραχεῖα καὶ χαλεπή, ἢ ῥαδία καὶ εὐπορος. καὶ δὴ καὶ σοῦ ἡδέως ἂν πυθοίμην ὅτι σοι φαίνεται τοῦτο, ἐπειδὴ ἐνταῦθα ἤδη εἶ τῆς ἡλικίας (5) ὁ δὴ “ἐπὶ γῆρας οὐδῶ” φασιν εἶναι οἱ ποιηταί, πότερον χαλεπὸν τοῦ βίου, ἢ πῶς σὺ αὐτὸ ἐξαγγέλλεις.

329. (a.) Ἐγώ σοι, ἔφη, νῆ τὸν Δία ἐρῶ, ὦ Σώκρατες, οἷόν γέ μοι φαίνεται. πολλάκις γὰρ συνερχόμεθά τινες εἰς ταῦτόν παραπλησίαν ἡλικίαν ἔχοντες, διασφύζοντες τὴν παλαιὰν παροιμίαν· οἱ οὖν πλεῖστοι ἡμῶν ὀλοφύρονται συνιόντες, τὰς ἐν τῇ νεότητι ἡδονὰς ποθοῦντες καὶ ἀναμιμνησκόμενοι περὶ (5) τε τὰ φροδίδια καὶ περὶ πότους τε καὶ εὐωχίας καὶ ἄλλα ἅττα ἅ τῶν τοιούτων ἔχεται, καὶ ἀγανακτοῦσιν ὡς μεγάλων τινῶν ἀπεστερημένοι καὶ τότε μὲν εὖ ζῶντες, νῦν δὲ οὐδὲ ζῶντες.

(b.) ἔνιοι (...) ἐπὶ τούτῳ δὴ τὸ γῆρας ὑμνοῦσιν ὄσων κακῶν σφίσις αἴτιον. ἐμοὶ δὲ δοκοῦσιν, ὦ Σώκρατες, οὗτοι οὐ τὸ αἴτιον αἰτιᾶσθαι (...) καὶ μία τις αἰτία ἐστίν, οὐ τὸ γῆρας, ὦ Σώκρατες, ἀλλ' ὁ τρόπος τῶν ἀνθρώπων. ἂν μὲν γὰρ κόσμιοι καὶ εὐκόλοισιν, καὶ τὸ γῆρας μετρίως ἐστὶν ἐπίπονον· εἰ δὲ μή, καὶ γῆρας, ὦ (5) Σώκρατες, καὶ νεότης χαλεπὴ τῷ τοιούτῳ συμβαίνει.

>> Tradução pessoal do excerto a partir do original grego

<Sócrates> Ontem desci ao Pireu com Gláucon, filho de Aríston, a fim de invocar a deusa, e desejando ver, ao mesmo tempo, o modo como celebravam a festividade, pois era a primeira vez que a realizavam. Pareceu-me bela a procissão dos seus habitantes, mas não se revelou decerto menos notável aquela que os da Trácia organizaram. Feita a invocação e contemplada a cerimónia, íamos regressar à cidade. Reparando de longe que avançávamos já em direcção a casa, Polemarco, filho de Céfalos, ordenou a um pequeno escravo que se apressasse a mandar-nos esperar por ele. Agarrando-me o manto por trás, o pequeno disse: «Polemarco manda que aguardeis por ele.» Eu voltei-me e perguntei onde estava ele. «Ele vem já de seguida, aguardai apenas.» «Aguardamos, pois!», disse Gláucon. Pouco depois chegou Polemarco, e também Adimanto, irmão de Gláucon, e ainda Nicérato, filho de Nícias, e outros mais com ar festivo.

Disse então Polemarco: «Ó Sócrates, parece-me que vos dirigis para a cidade, encontrando-vos já de partida.»

«E, de facto, não presumes mal.», respondi eu.

«Estás a ver quantos somos?», indagou ele.

«E como não?»

«Nesse caso, disse ele, ou vos tornareis mais fortes do que nós, ou tendes que permanecer aqui.»

«E mesmo assim, retorqui eu, não nos restará ainda uma <saída> – aquela de vos convencer de que temos de partir?»

«E poderíeis vós convencer-nos, declarou ele, se acaso não vos déssemos ouvidos?»

«Claro que não!», adiantou Gláucon.

«Então mentalizai-vos de que não vos ouviremos.» E logo Adimanto alegou: «Porventura não sabeis que, ao anoitecer, um archote será <passado> de cavalo em cavalo, até à deusa?»

«De cavalo em cavalo? – indaguei eu – Isso é novidade! É trocando uma tocha <de mão> em mão que eles vão competir entre si a cavalo? É isso que dizes?»

«Tal e qual! – respondeu Polemarco – Além disso, realizar-se-á uma festa nocturna, que merece ser vista. Sairemos após a refeição, para assistir aos festejos; além disso, estaremos acompanhados de muitos jovens e dialogaremos uns com os outros. Fiquem e não façam outra coisa.»

«Pelos vistos, teremos de ficar...», disse Gláucon.

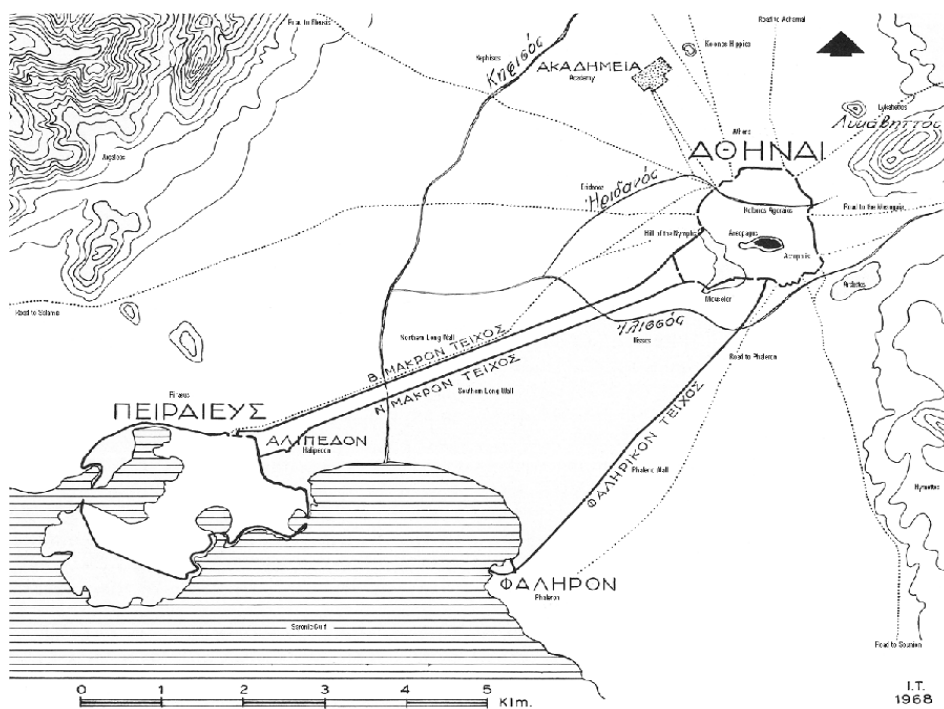
«Se é o que te parece, disse-lhe eu, assim o façamos.»

Fomos, pois, a casa de Polemarco, e aí mesmo descobrimos Lísias e Eutidemo, irmãos de Polemarco, mas não só: também Trasímaco de Calcedónia, Carmântidas de Peianieu e Clitofonte, filho de Aristónimo. Lá dentro estava também o pai de Polemarco, Céfalo, que me pareceu muito envelhecido, pois muito tempo <passara desde> que o tinha visto <da última vez>. Estava sentado num apoio almofadado e com uma coroa na cabeça, pois acabara precisamente de fazer um sacrifício no pátio. Sentámo-nos então perto dele, dado que estavam ali mesmo alguns assentos colocados em círculo.

Assim que me viu, Céfalo rejubilou e disse: «Ó Sócrates, tu não nos visitas lá muito, sempre que desces ao Pireu. E até devias. Com efeito, se eu ainda estivesse com capacidade para me dirigir facilmente à cidade, nenhuma necessidade haveria de tu cá vires: nós é que iríamos ter contigo. De momento, porém, cabe-te aparecer por cá mais vezes. É que, como bem sabes, à medida que se extinguem para mim outros prazeres, como os referentes ao corpo, assim aumentam aqueles outros anseios e prazeres em torno das palavras. Não faças mais nada que não seja acompanhar estes jovens e regressa cá mais vezes para junto de nós, como se fôssemos não apenas amigos, mas amigos muito íntimos.»

«Mas é claro, ó Céfalo! – disse-lhe eu – Na verdade, muito me apraz dialogar com gente mais idosa, pois, a meu ver, parece-me necessário aprender deles como de alguém que avançou à nossa frente num caminho que talvez tenhamos de percorrer, seja ele de que natureza for: rude e penoso ou fácil e acessível. De bom grado obteria até o teu parecer sobre o seguinte: atingida já essa idade a que os poetas chamam de “limiar da velhice”, será que ela é mesmo uma parte custosa da vida, ou tens algo mais a revelar a tal respeito?»

«Por Zeus! – disse – Dar-te-ei na certa o meu parecer sobre isso, ó Sócrates. De facto, é frequente alguns de nós, que têm sensivelmente a mesma idade, juntarem-se para o mesmo, confirmando o velho provérbio. Ora, uma vez reunidos, a maioria de nós lamenta os prazeres fruídos na juventude ou aqueles que nos recordam os deleites do convívio sensual, da bebida e da boa mesa, e outros mais que se aproximam destes, e exasperam-se como se tivessem sido privados de coisas magníficas, vivendo bem nessa altura ao passo que hoje já não vivem; a pretexto disso, alguns [...] desatam uma ladainha de malefícios de que a velhice é responsável. Todavia, quanto a mim, ó Sócrates, parece-me que eles não apontam a culpada, [...] e que é tão-só uma – não a velhice, mas o modo <de vida> dos homens: se forem regrados e bem-dispostos, até mesmo a velhice se torna moderadamente custosa; se assim não for, ó Sócrates, penosa será para eles não só a velhice, como até a juventude.»



Mapa Topográfico de Atenas (Acrópole) e zona portuária (Pireu) na Antiguidade; fonte: electronic resource apud Department of Classics, College of Liberal Arts at The University of Texas at Austin

BREVE COMENTÁRIO PESSOAL

O sentido filosófico da “descida” ao Pireu...

Dirirjo liminarmente da tradução de “fui até ao Pireu”, tal como M. Helena da Rocha Pereira optou por transpor para a nossa língua as palavras inaugurais da corrente edição portuguesa d’ *A República*. A forma verbal grega “kateben” (que subjaz à tradução da saudosa e reputada helenista coimbrã) integra um *cluster* semântico onde se aglomeram uma vasta gama de significados desde “desmontar” até “entrar em casa”, passando de forma matizada por “descer” (à terra, à planície, à orla costeira, à arena, à cena...), “cair”, “precipitar”, “condescender”, “conformar-se”. |A tradução filosoficamente mais adequada para captar o sentido inaugural do referido diálogo platónico seria, por conseguinte, “desci”, muito longe, portanto, do sentido horizontalista e raso de um “ir até”. A forma verbal “descer” (katabainein) incorpora a vantagem semântica de imprimir a orientação “catabática” (i.e. descendente) que alguns passos exibem no diálogo em apreço, a partir do desnivelamento vertical entre um “alto” (prefigurado no posicionamento altaneiro da Acrópole) e um “baixo” (espelhado no posicionamento portuário do Pireu na parte baixa de Atenas), resultando daí um intervalo mediacional que Platão haverá de diferenciar e graduar dialecticamente numa interconexão de planos e níveis, envolvendo no mesmo lance teórico uma onto-gnosiologia (vide a teoria dos graus de ser e dos respectivos níveis de conhecimento), uma psicologia (vide a teoria da tripartição das faculdades da alma), uma ética (vide a teoria da hierarquização diferenciada das virtudes da alma e do consequente paralelo com o escalonamento das classes sociais e respectivas virtudes cívicas) e uma pedagogia (vide a estratificação dos saberes que integram o background formativo de uma cidade justa). Longe, portanto, de prefigurar uma “queda” entendida como “decadência”, “declínio” ou “rebaixamento”, o sentido da catábase socrática ao Pireu tem sobretudo a ver com o enraizamento, a incorporação e a domiciliação da experiência filosófica no horizonte da experiência situada e relacional da vida humana. Em meu entender, a

alusão platónica a uma “descida” não é de todo inocente: muito provavelmente ela prepara o leitor do diálogo para o pleno entendimento daquele esforço por elevar a experiência filosófica ao plano eidético não “de-cima-para-baixo”, mas “a-partir-de-baixo”, numa clara valorização do sentido enraizado, incarnado, experiencial do *métier* filosófico. Se estivermos dispostos a abdicar dos cómodos e estafados clichés com que comumente etiquetamos a filosofia platónica, talvez o fraseado inaugural d’ *A República* nos possa esclarecer até que ponto a experiência filosófica se entrelaça, sem quaisquer ressaltos ou rupturas equivocadamente dualizantes, no intervalo mediacional entre um alto (noético) e um baixo (estésico), exigindo portanto não uma temeridade acrobática ou um descomprometimento nefelibata, mas antes uma condição catabática, mediante a qual, mais do que edificar uma nova cidade “lá-no-alto” (em vertigem idealista, como anacronicamente tendemos a interpretar), importará acima de tudo “descer”, a fim de elevar cidade concreta “em-que-se-está” ao nível qualitativamente superior do que eideticamente ela “pode-vir-a-ser”.

António Amaral
Lisboa 27 Outubro 2023